

# domingo

## O LIXO QUEDÁ LUCRO

**1.** A imagem de famílias catando restos em aterros não existe mais na RMVale; que produz 1.300 toneladas de lixo por dia

**2.** Família de catadores de lixo de São José aproveita experiência, recruta parentes e abre empresa em Belo Horizonte

# Lixo atrai empresários e vira uma oportunidade de negócios

O mercado de tratamento de lixo se desenvolveu nos últimos anos e está em crescimento, a ponto de ser lucrativo, mas especialistas dizem que é preciso muito conhecimento técnico e investimentos pesados

XANDU ALVES  
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

A cena causou estranheza quando apareceu nos cinemas em 1985. Voltando do futuro, o cientista Emmett Brown parou o carro voador e encheu o tanque de lixo. O adolescente Marty McFly e a namorada espantaram-se diante da tecnologia.

A cena do primeiro filme da trilogia "De volta para o futuro" já não é mais apenas obra de ficção.

O mercado de tratamento de lixo se desenvolveu a ponto de transformar os resíduos em energia e de atrair empresas para o setor de tratamento de resíduos sólidos.

Na Região Metropolitana do Vale do Paraíba, três empresas administram aterros sanitários e recebem cerca de 1.300 toneladas de lixo por dia de 27 das 39 cidades.

Os contratos geram às companhias mais de R\$ 3 milhões por mês, valor multiplicado com o atendimento a outros municípios e empresas privadas.

De acordo com analistas, o mercado brasileiro é de 64 milhões de toneladas de lixo por ano. Desse total, 58% estão em aterros sanitários, 24% em aterros controlados e 18% em lixões a céu aberto.

Na RMVale, a imagem de famílias catando lixo nesses lugares desapareceu por completo.

Segundo a Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo), todos os aterros sanitários da região são adequados e apenas um, o de Arapeí, ainda não conseguiu a licença de operação.

**Mercado.** "Os marcos regulatórios no país desde 1998, quando poluir tornou-se crime, modificaram o mercado", diz Alberto Fissore, diretor Comercial Público da Estre Ambiental, empresa que administra o aterro sanitário de Tremembé.

O lixo deixou de ser reduzido a um problema dos órgãos públicos e passou a ser encarado como uma oportunidade de negócio.

Portanto, daqui para frente, não se assuste se o frentista perguntar se você quer colocar no tanque do carro: álcool, gasolina ou lixo. ●

600

**gramas** diárias é a média de produção de lixo por pessoa no Vale, segundo avaliação de especialistas

100

**reais** pode custar a tonelada de lixo para um aterro sanitário privado; valor depende da classificação

64

**milhões** de toneladas de lixo por ano é quanto movimentou o mercado brasileiro; o valor chega a R\$ 6,4 bilhões

30

**porcento** do lixo que é encaminhado a aterros deveria ser reaproveitado por meio de coleta seletiva nas cidades



Em Jambeiro, o mais novo dos três aterros da região recebe por dia 700 toneladas de lixo

VIDA REAL

## Mais de 1.500 pessoas vivem do lixo local

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Jorge Delgado vive do lixo. E não esconde isso de ninguém. Aliás, fala com orgulho da profissão.

"Sou coleto de material reciclável, agente ambiental e negociante de resíduos reaproveitáveis. Pode escolher", brinca o homem de 59 anos, que mora e trabalha na região sul de São José.

Ele é um dos "soldados" do exército de catadores de materiais recicláveis da cidade que, em um único dia, consegue recolher quase 80 toneladas de resíduos.

O volume é maior do que a coleta seletiva da Urbam (Urbanizadora Municipal S/A) leva para o aterro sanitário do Torrão de Ouro, na região sul de São José. Os agentes ambientais da empresa coletam 50,8 toneladas de lixo reciclável diariamente.

A estimativa da Urbam é que mais de 1.500 pessoas se envolvam com coleta de lixo na cidade.

Levando-se em conta apenas o valor da latinha de alumínio, uma das mais valorizadas, esse contingente pode movimentar cerca de R\$ 230 mil por dia com a venda de lixo.

"Eu vivo muito bem com o dinheiro que ganho recolhendo lixo. Não é uma atividade para qualquer um, é pesado, mas recompensa quem trabalha", ensina Delgado.

**Negócio.** Na cadeia do tratamento de lixo, coletores e empresários estão em lados opostos, mas convivem no mesmo negócio. Não raro, os primeiros conseguem se dar bem a ponto de chegarem ao topo da escala social do lixo.

Filha de catadores, Maria Amélia Batista, 52 anos, deixou São José como catadora e tornou-se uma pequena empresária em Belo Horizonte (MG).

A cidade é referência na coleta seletiva e Maria Amélia aproveitou. "Juntei parentes e abri uma firma. Estamos faturando com o lixo", conta ela. ●

### ENTREVISTA

**PAULO TOBIEZI**  
ENGENHEIRO E PROJETISTA



## 'Cidades falham na coleta seletiva'

### O lixo dá lucro?

Sim, sem dúvida. As empresas privadas entraram nessa área por causa disso. Mas é um lucro que exige conhecimento técnico profundo e muito investimento. Tratar o lixo é um processo exigente, caro e muito controlado pelos órgãos ambientais.

### E a reciclagem?

Essa questão falta se desenvolver no país. Com exceções, as cidades da região falham na coleta seletiva do lixo, etapa fundamental do negócio. Para o aterro sanitário, só deve ir o lixo orgânico, aquele que não dá para reaproveitar. Todo material reciclável tem que ser separado, e isso ainda não ocorre com frequência. A cadeia de coleta ainda é pouco lucrativa. Tem que desenvolver mais.

### Houve uma mudança de paradigma na relação com o lixo?

Mudou muito a visão sobre o lixo, que passou a ser valorizado. É uma riqueza que estava sendo desperdiçada. Há tecnologia disponível hoje para transformar o lixo em energia, mas ainda são processos caros. Por isso, é importante a entrada das empresas privadas nessa área.

### O que se projeta para o futuro?

O mercado vai tender para o reaproveitamento do lixo, buscando alternativas de tratamento para diminuir o volume do que é enviado aos aterros sanitários. O governo tem induzido para isso. Tecnologias também estão surgindo, como máquinas que separam o lixo sem o contato humano. Isso dá qualidade ao processo.

### As usinas que geram energia da queima do lixo são boa opção para a região?

A tecnologia de incineração tem ótimas soluções, mas ainda sofre críticas. Quem gosta defende o processo em razão dos poucos resíduos que ele gera. Ambientalistas questionam os gases. No meio disso tudo, a tecnologia ainda se mostra muito cara. Pode ser uma solução a longo prazo, mas tem que ser pensada desde já.

### O aterro privado resolve o problema da cidade pequena?

É a melhor alternativa para os municípios pequenos que não contam com aterros em consórcio com outras cidades. Como a operação é cara, o negócio privado resolve. Compactar pouco lixo é economicamente inviável.

### DADOS

## O LIXO NO VALE DO PARAÍBA

#### Cidades

##### Volume

As 39 cidades do Vale do Paraíba geram mais de 1.300 toneladas de lixo por dia, o que dá uma média de 600 gramas por habitante. O material é levado para aterros municipais e particulares

#### Campeões

##### Maiores

As campeãs de geração de lixo são as cidades de São José, com 495,4 toneladas por dia, Taubaté, com 165,2 t/dia, e Jacareí, com 125,9 t/dia. Arapeí e Monteiro Lobato dividem a lanterna, com 700 quilos/dia

#### Negócios

##### Empresas

Três empresas administram aterros sanitários na região. Juntas, elas recebem o lixo de 27 das 39 cidades da região. No total, incluindo empresas e outros municípios, os aterros recebem 2.350 toneladas/dia

#### Aterros

##### Lucro

Pelos contratos com as cidades, as empresas recebem mais de R\$ 3 milhões por mês. O valor não leva em conta o pagamento de outros municípios fora da região e de empresas e entidades particulares

#### Multas

##### Cetesb

Dos três aterros, apenas o de Tremembé foi multado pela Cetesb duas vezes, por vazamento de lixo para um córrego. As autuações são de fevereiro e março deste ano, contabilizando R\$ 581 mil